

Pagos mais US\$ 1 bilhão de juros

por Paulo Sotero
de Washington

O governo brasileiro efetivou ontem um pagamento de US\$ 969 milhões aos bancos credores. O pagamento, que fôra antecipado no anúncio do acordo de reesalonamento da dívida, na semana passada, cobre os juros em atraso de maio e junho. O dinheiro saiu das reservas brasileiras. Cumprindo o que fôra acertado durante as negociações do pacote financeiro, os catorze grandes bancos que compõem o comitê de credores restaurou, nos últimos dias US\$ 300 milhões das linhas de curto prazo, que não haviam renovado após a decretação da moratória, no ano passado. Os bancos deverão repor mais US\$ 300 milhões nas linhas de curto prazo até a data de efetividade do acordo, prevista para outubro.

No mesmo comunicado em que informou sobre o pagamento de juros efetuado pelo Brasil, o comitê de bancos divulgou o itinerário e as datas do "road show" que os representantes do governo e dos grandes bancos credores farão para vender a proposta de acordo à comunidade financeira internacional. Esse trabalho começou, na realidade, na última quarta-feira, num encontro que o embaixador do Brasil em Washington, Marcílio Marques Moreira, e o presidente do comitê de bancos, William R. Rhodes, tiveram com executivos de cerca de meia centena de bancos regionais americanos na sede do Manufacturers Hanover and Trust Company. Segundo uma fonte categorizada do comitê, a reação dos bancos foi positiva à maioria dos ingredientes do pacote.

DATA-BASE

"Mas eles vêem problemas em relação a um par de coisas", disse o banqueiro. "Um dos problemas é a mudança da data-base do empréstimo de dinheiro novo, que foi movida de 1982 para 31 de março de 1987. Muitos gostariam da data mais recente possível". A mudança da data-base para 1987 descontentou enormemente os bancos japoneses, que mantiveram seu portfólio de ativos brasileiros praticamente intocado desde então e viram sua participação relativa no empréstimo de US\$ 5,2 subir de 15 para 20%. Os bancos regionais americanos, que venderam boa parte de

seus ativos brasileiros após o anúncio da decisão do Citicorp, em maio do ano passado, de aprovisionar mais US\$ 3 bilhões às suas reservas contra empréstimos internacionais, profeririam, obviamente, uma data mais recente, pois, nesse caso, entrariam com uma fatia ainda do empréstimo de dinheiro novo.

O outro problema, segundo o banqueiro, são as dúvidas que os bancos têm sobre a disposição do governo brasileiro em relação ao pagamento de juros de junho e julho. O ministro da Fazenda, Mailson Ferreira da Nóbrega, afirmou na semana passada, que o pagamento dos juros relativos a esses dois meses seria feito com o dinheiro de um empréstimo-ponte que ele já começou a negociar com os governos dos países credores. "O governo brasileiro está conversando com o Tesouro Americano", disse o banqueiro.

Lembrado que, segundo fontes do próprio comitê informaram a este jornal, o secretário do Tesouro adjunto para assuntos internacionais, David Mulford, havia tido uma primeira reação negativa à idéia, o banqueiro disse: "O Tesouro sempre é contra esse tipo de coisa, mas creio que eles entendem a importância desse empréstimo. Eles estão conversando". A idéia do governo brasileiro, acrescentou, seria repagar o empréstimo-ponte com recursos a serem liberados pelo FMI.

AGENDA

O "road show" iniciado

na quarta-feira em Washington prossegue no início da semana em Tóquio, para onde viajou ontem o ministro Mailson da Nóbrega, depois de almoçar com presidentes de bancos da Costa Oeste americana, em São Francisco. No próximo dia 8, o diretor do Banco Central para a dívida externa, Antônio de Pádua Seixas, tem reunião com os bancos canadenses, em Toronto.

No dia 18, Mailson começa, em Londres, o "road show" europeu, devendo encontrar com representantes dos bancos credores em Paris (dia 19), Frankfurt (20), Roma (22), Madri (25) e Lisboa (26). O comitê de bancos espera que, no caminho de volta da Europa para o Brasil, o ministro pare em Nova York para uma reunião com os bancos. O "road show" deve incluir também uma visita ao Oriente Médio, a ser feita provavelmente pelo conselheiro Sérgio Amaral, secretário internacional do Ministério da Fazenda. Em todas as escalas, William Rhodes ou algum outro membro do comando do comitê de bancos estará presente. O embaixador em Washington, Marcílio Marques Moreira, deverá ser mobilizado para visitar pessoalmente os presidentes dos bancos americanos que se mostrarem mais recalcitrantes.

A direção do comitê de bancos espera ter a massa crítica, ou seja, 90% do empréstimo de "dinheiro novo", no final de agosto. Os 114 bancos que contri-

buiram para o empréstimo-ponte de US\$ 3 bilhões concedido em dezembro, e cujo repagamento depende, agora, da entrada em vigor no novo pacote, representam 85% do total de US\$ 5,2 bilhões no novo empréstimo que os bancos concederam, por um prazo de 12 anos.

PRECEDENTE — O superintendente do Banco do Brasil (BB) de Mato Grosso do Sul, Syrlley Mendes Nogueira, afirmou ontem, em Campo Grande, que a decisão da Constituinte com relação à anistia aos micro, pequenos e médios empresários e aos produtores rurais abre um precedente muito perigoso e injusto, conforme noticiou a Radiobrás.